

Fundamental I

OBJETO DISPARADOR – Fundamental I (1º ao 5º ano)

Toda escola deve ser movida por relações/interações através das quais o sujeito (aluno) se constitui e aprende a se relacionar consigo mesmo, com seus pares e com o mundo. Nossas reflexões, na Escola do Sítio, apontam o(a) estudante como centro do aprendizado, como foco e objetivo. Contudo ele(ela) só poderá ser foco, se seus professores também forem. Foi a partir da reflexão, das experimentações e vivências do *professor/educador* e do *educador/pessoa* que a Escola do Sítio, em torno dos anos de 1990, ampliou, ainda mais, o seu espaço para o desenvolvimento mais pleno do sujeito, tanto dos(as) professores(as) quanto dos(as) alunos(as).

Tal abordagem envolveu a interlocução de relações pessoais e interpessoais de professores(as), alunos(as) e, também, de todas as pessoas que contribuíram para a formação de cada indivíduo envolvido nesse processo. A fim de materializar tais inquietações, foi proposto que um **OBJETO** pudesse representar, de modo concreto, o disparador para o trabalho, para abrir o caminho, propor uma trajetória inicial para as reflexões que poderiam surgir ao longo do ano letivo. Nascia, assim, a proposta do **OBJETO DISPARADOR**, na Escola do Sítio. Um objeto escolhido pelo(a) professor(a) e apresentado ao grupo de alunos e alunas de forma lúdica e única, a fim de provocar e deflagrar nestes, explosões de possibilidades, caminhos, reflexões e inquietações acerca de si mesmos ou de conectivos que poderiam se estabelecer. A imagem de um *rizoma*¹ é a mais próxima para materializarmos o processo que se inicia em cada grupo de trabalho. Trata-se da tentativa de levar o pensamento à busca de conectivos entre o que foi vivido e experimentado, além do constante desejo do novo, do inquieto, de caminhos que apesar de novos são inerentes à criança e ao professor educador.

A cada instante, nossas ações e nossas escolhas transparecem e refletem nossos desejos, nosso querer. E o que dizer de nossas escolhas pedagógicas? Seria possível conciliar experiências pessoais e desejos próprios aos de um grupo de crianças? Como unir pensamentos com vivências tão distantes? O que fazer com as inquietações de cada parte envolvida? Diante de tantos desafios, a reflexão daquilo que queremos é essencial. Como e por quais caminhos se formam o desconhecido, o inesperado? Como estabelecer contato e conexões significativas para o grupo e para cada um? Como conectar o objeto, os caminhos projetados com as habilidades, competências, conceitos e conteúdos que deverão ser trabalhados ao longo do ano letivo? Envolvidas por essas reflexões ocorrem as escolhas do OBJETO DISPARADOR pelos(as) professores(as).

O desejo de descobrir novos caminhos é instaurado logo que o professor sabe o grupo com o qual irá trabalhar. Da mesma maneira que o professor é convidado a percorrer um caminho cheio de descobertas, deve oferecer ao grupo, com o qual irá trabalhar, as mesmas possibilidades. Nesse sentido, vale ressaltar a importância da coordenação no referido processo e da equipe de professores que de forma empolgada e convidativa participam, de alguma maneira e em muitos momentos, dessa nova perspectiva de fazer e viver a educação.

¹ A ideia imagem de **rizoma** é oriunda da botânica e consiste em uma haste subterrânea com ramificações em todos os sentidos, como os bulbos e os tubérculos. De forma antitética tem-se a árvore, com o caule e ramificações que se desdobram desse eixo central (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Nossos pensamentos e escolhas determinam aquilo que queremos ser e o que somos. Tratamos o conhecimento, assim como as relações que se estabelecem no espaço escolar, em movimento, de maneira a valorizar a elaboração de conexões entre o já experimentado e o novo. Dar um novo significado ao já conhecido ou lançar um novo olhar ao desconhecido. O exercício da escolha constrói um espaço de construções coletivas, *educadores-crianças* e *crianças-educadores* buscam, ao mesmo tempo, *ressignificar* um objeto e vislumbrar trajetórias para um trabalho a partir dele.

O primeiro olhar ao objeto, tanto pelo educador, que repentinamente se encanta, quanto para o educando, que recebe o “presente”, provoca um exercício imaginário através do qual possibilidades e eixos começam a se projetar.

O encantamento do educador com o objeto passa por suas escolhas e experiências. Nasce de um desejo, de uma vontade e ultrapassa o pensar racional. É a possibilidade de escolher um caminho, sem saber exatamente qual será, por onde irá passar ou irá chegar. Certezas e incertezas caminham lado a lado nessa escolha. Mas o importante nesse caminho são as possibilidades que se abrem com um espaço diferenciado para valorizarmos a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Para além da BNCC, trata-se de considerarmos as disciplinas, assim os conceitos/conteúdos e as habilidades/competências possibilitando maior flexibilização deles, sem o isolamento ou paralisia curricular que seu formato inicial impõe. Dessa maneira temos os conceitos/conteúdos à disposição do *objeto/projeto* e não o contrário. Assim temos os conteúdos ao final do processo construtivo, que acontece de maneira ampla, diversificada e inusitada, ao longo do percurso. Aproveitando essa ideia podemos trazer uma citação que traduz a intencionalidade da escolha com o OBJETO DISPARADOR, “*Aprendo contigo, mas você pensa que eu aprendi com tuas lições, pois não foi, aprendi o que você nem sonhava em me ensinar.*” (LISPECTOR, Clarice, 1960, p.157).

Somos tomados por norteadores, de intenções, mas também de incertezas e indefinições. Então como fazer essa escolha? Na verdade, não há receitas, fórmulas, metodologia para que isso ocorra, trata-se, sim, de uma força inerente, mas não inerte, segura e ao mesmo tempo incerta que o *professor-educador* faz. O educador escolhe o objeto ou o objeto escolhe o educador? Certamente, o *professor-educador* pode vivenciar as duas maneiras; escolher e ser escolhido(a), tanto uma quanto a outra, impulsionam a buscar uma metodologia única de trabalho que amplia horizontes num currículo plural e inclusivo.

A necessidade de uma escolha assertiva, em contraponto à vontade de ampliar sua percepção sobre o trabalho a se desenvolver com aquele determinado grupo, dominam o pensamento do educador nesse momento de escolha.

O objeto escolhido dispara uma série de simbolizações a cerca dele mesmo, além de pensamentos natos e inatos daquelas crianças. Pensar a educação como modelo pronto, limita as possibilidades de experimentações.

A riqueza da experiência com o OBJETO DISPARADOR é, sem dúvida, a possibilidade de escrever, a cada dia, uma nova história, é trabalhar para empoderamento do indivíduo sem modelos impostos, trata-se de construir marcas únicas nas relações interpessoais. Além disso, o OBJETO DISPARADOR subverte, desorganiza, desloca o pensamento e instiga professores(as) e alunos(a) a fazer reflexões, buscar respostas, se colocar de maneira ativa em busca do conhecimento e das relações entre o cotidiano, a curiosidade e o conhecimento, ele ativa o desejo de “querer saber” e “querer aprender” e traz o desafio de “como fazer” para que o conhecimento seja significativo e, portanto, duradouro.

A apresentação do OBJETO DISPARADOR dá-se da forma mais natural possível. Nos primeiros dias de aula, o professor prepara-se para receber o grupo, cheio de vontades, e de desejos

para partilhar. Nas séries iniciais o objeto vem acompanhado do lúdico, chega pra encantar, provocar inquietar o grupo. Os(as) alunos(as) não sabem, mas são convidados a olhar o conhecimento e os saberes, de outro lugar, a partir da perspectiva do NOVO. Sem nomear como OBJETO DISPARADOR, as crianças passam ter esse objeto como norteador do trabalho. À medida que os alunos amadurecem e passam por várias experiências com os objetos ano a ano, conseguem nomeá-lo como OBJETO DISPARADOR e aguardam com expectativa por esse momento no início do ano.

O silêncio das palavras nada se assemelha às inquietações do pensamento. É certo que o indivíduo “treinado” a calar-se não irá se expor, se, do outro, sentir que não há espaço para tal. O(A) professor(a)/disparador não permite que esse silêncio se instaure. Ele provoca, possibilita, dá a abertura necessária para que os pensamentos possam tomar corpo e se materializar nas inquietações, nas perguntas nas reflexões.

Aos poucos, a turma vai se aproximando, reconhecendo cada um como participante de um mesmo grupo, passo importante e necessário para partilhar e compartilhar as novas inquietações. A construção e leitura da *metáfora-objeto* acontece somente depois desse reconhecimento. Cada um dos componentes do grupo participa, com seu olhar, da construção: do pensamento, do imaginário e juntos, como grupo, concretiza-se uma rede de ideias que traduz um caminho possível para o desenvolvimento do trabalho.

“Por quê? Que estranho! Gostei! Achei meio antiga! O que é isso?”

O pensamento crítico é essencial para todos, assim, mais do que receber, é preciso que o(a) aluno(a) questione, forme uma opinião sobre o que o(a) inquieta, é necessário dar significado aos seus questionamentos. Ao contrário do que se espera, as respostas não vêm, são escritas materializando uma possibilidade de caminho. Resignificadas são devolvidas.

Em um primeiro momento, há um olhar isolado, individual, no qual os desejos imediatos podem ser supridos. Contudo não somos ilhas, estamos comprometidos com o coletivo. Temos na Escola do Sítio um olhar ao redor e, nesse sentido, trabalhamos com a percepção e comprometimento com o que pode trazer para cada um de nós e para o grupo.

É relevante mencionar a importância de o educador se colocar como parte do grupo, em um processo de descoberta tão vivo quanto o dos(as) alunos(as). É como se tivéssemos a oportunidade de trilhar novamente um caminho de descobertas que antes fora traçado ou imposto sem a nossa vontade. É a oportunidade de reaprender a aprender.

A experiência que cada um traz em sua bagagem acrescenta uma história única para a proposta de projeto com o OBJETO DISPARADOR. Ao partilhá-las e ouvi-las, damos a oportunidade de nos apropriarmos de algo que não nos pertence, mas que pode contribuir com novas descobertas.

A elaboração desses pensamentos não se dá imediatamente, é um processo longo e, por vezes, dolorido no qual cada aluno(a) vai se descobrindo como fazedor de sua história. São associações resultantes de um exercício mental, elencando eixos, formando ramificações sustentadas por argumentos.

Ao final do ano, o OBJETO DISPARADOR, que no início foi escolhido ou “escolheu” o educador, também escolhe, ao longo do processo, cada um dos componentes do grupo. O educador é, assim, instrumento que abrirá um mundo de possibilidades para cada participante. As marcas construídas serão, certamente, muito significativas para todos, visto que muitos elementos do grupo guardam, da experiência com cada objeto, a história que tem com a escola, com o conhecimento e com os inúmeras e incontáveis saberes. Os laços que são estabelecidos entre a turma e a professora, na construção do projeto, a partir do

OBJETO DISPARADOR, tornam-se lembranças únicas para as duas partes, assim como as trajetórias que são percorridas em cada ano letivo. E a história escrita no decorrer do trabalho acaba, sempre, mostrando a importância da individualidade e a força do coletivo e do imaginário no processo de ensino aprendizagem.

Além de poder trazer o imaginário para o contexto escolar, o OBJETO DISPARADOR permite uma flexibilização do currículo, sem que este seja desvalorizado, atendendo aos interesses das crianças e sendo um meio de reflexão docente, a partir das propostas que vão sendo delineadas coletivamente.

Fundamental II

TEMAS DISPARADORES – Fundamental II (6º ao 9º ano)

Inspirados pelos caminhos já percorridos em nosso trabalho com diversos objetos disparadores, bem como pela prática já existente no Ensino Fundamental II de um trabalho pautado pela apresentação de projetos, definimos 2022 como o ano para reunirmos essas vivências prévias e iniciarmos um formato que estabeleça de maneira mais formal diálogos com a proposta da Escola do Sítio como um todo. Sendo assim, iniciaremos uma experiência com **Temas Disparadores** no Ensino Fundamental II.

Os Temas Disparadores seguirão a dinâmica do trabalho com Objetos Disparadores, em que a partir de um elemento (no caso, o Tema definido para cada turma) traçam-se possibilidades de abordagens, fios que se entrelacem nos diversos conceitos, conteúdos e áreas do conhecimento.

Como no Ensino Fundamental II o trabalho é conduzido por um grupo de professores especialistas (e não por um professor que conduz boa parte do trabalho, como ocorre no Fundamental I), será preciso um esforço coletivo para que o Tema Disparador seja olhado de maneira coesa e harmoniosa junto os alunos de cada ano.

Para tanto, ideia é que esses temas sejam definidos pela equipe de professores especialistas do segmento, levando em consideração interesses apresentados pelos alunos e o currículo previsto por cada disciplina, em cada série. No início do ano, os professores organizarão propostas de apresentação de suas disciplinas a partir de abordagens variadas, com o intuito de estabelecer uma sondagem acerca de temas que despertem mais engajamento em cada turma.

A partir desse contato inicial, de maneira coletiva promoveremos, em reunião de equipe, a partilha dos dados observados por cada professor, a fim de encontrar temas que tenham se mostrado significativos para os alunos e que, ao mesmo tempo, possibilitem abordar de maneira consistente os objetivos e conteúdos das disciplinas.

Cada professor (individualmente ou em parcerias) conduzirá, inicialmente, o trabalho com o Tema Disparador em uma série específica, a partir de projetos que possa oferecer nessa turma. Ao longo do ano, os professores se revezarão nessa condução, alinhando-se, a cada momento, ao Tema Disparador de um determinado ano, levando em consideração o currículo da disciplina, na série.

Com essa proposta, imaginamos que o trabalho por projetos, já uma tradição da abordagem metodológica da Escola do Sítio, assuma, ainda mais, papel central em nosso Ensino Fundamental II, proporcionando que os adolescentes se relacionem com o processo de construção do conhecimento de maneira mais significativa, engajada e com a compreensão das diversas possibilidades de estabelecer relações entre as variadas áreas do conhecimento.